

**IMAGENS DO ANTROPOCENO.
O ANTROPOCENO COMO UMA QUESTÃO MORAL. A CRISE CLIMÁTICA E O
SAUDOSISMO DO “ACOLHIMENTO PLANETÁRIO”**

André Amorim de Oliveira¹

RESUMO: O presente texto busca abordar a recepção do tema Antropoceno através de representações imagéticas. A seleção de imagens realizada por meio da busca do termo Antropoceno no google procura sondar os efeitos subjetivos e as correlatas visões morais que a crise climática, englobada por este conceito, parece produzir nos sujeitos a partir das representações associadas ao mesmo. Assim, o presente trabalho busca entender em que medida tal termo pode servir como sinalizador para avaliar o quanto as questões ecológicas são discutidas desde um ponto de vista moral, quando atreladas a visões de harmonia/integração e exploração/degradação. Ademais, buscaremos analisar o quanto a percepção de que uma suposta “suficiência” do planeta, uma espécie de integridade metafísica que estaria sendo degradada pela ação humana, seria capaz de mobilizar juízos morais cuja culpa ou responsabilização traria em seu bojo desejos de restauração e reparação.

Palavras-chave: Antropoceno; Subjetividade; Clima; Moral; Saudosismo.

**ANTHROPOCENE IMAGES.
THE ANTHROPOCENE AS A MORAL ISSUE. THE CLIMATE CRISIS AND THE
NOSTALGIA OF THE “PLANETARY REFUGE”**

ABSTRACT: This text seeks to approach the reception of the Anthropocene theme through imagery representations. The selection of images, carried out by searching the term “Anthropocene” on Google, aims to explore the subjective effects and the correlated moral visions that the climate crisis, encompassed by this concept, seems to produce in the subjects, from the representations associated with it. Thus, this work seeks to understand to what extent this term can serve as a signal to assess how much the ecological issues are discussed from a moral point of view, when attached to views of harmony/integration and exploitation/degradation. Furthermore, we will seek to analyze how much the perception that a supposed “sufficiency” of the planet, a kind of imaginary metaphysical integrity that is allegedly being degraded by human action, would be capable of mobilizing moral judgments whose guilt or accountability would bring with it desires for restoration and repairment.

Key words: Anthropocene; Subjectivity; Climate; Moral; Nostalgia.

“Que devemos concluir de uma criação na qual a atitude rotineira consiste nos organismos despedaçarem uns aos outros com dentes de todos os tipos mordendo, triturando carne, talos de plantas, ossos entre os molares, empurrando, satisfeitos, a massa goela abaixo, avidamente, incorporando a essência desta em seu próprio organismo, e depois excretando com mau cheiro e gases os resíduos?... A criação é um pesadelo espetacular que ocorre num planeta que vem sendo encharcado de sangue de todas as suas criaturas há centenas de milhões de anos.” Hilda Hilst. Cascos & Carícias & Outras Crônicas. 1993.

¹ Licenciando em História - Universidade Federal do Estado do UNIRIO.

“No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer.” Friedrich Nietzsche. Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral. 1873.

Introdução.

A compreensão proposta no texto que se segue parte da premissa que o termo Antropoceno², ao tematizar os efeitos produzidos pela humanidade no planeta terra, mobiliza sensíveis desdobramentos sobre as subjetividades. Isto parece ocorrer sobretudo pelo fato de, implicitamente, nas amplas e multifacetadas discussões sobre o tema, persistir ou subsistir um horizonte de apreensão sobre um futuro incerto e quiçá apocalítico para a humanidade. O que se pretende sugerir no interior deste enquadramento é que o termo Antropoceno possa figurar para além de um conceito ou ferramenta do campo da geologia voltado à ação humana sobre o planeta. Ele pode servir como um sinalizador para avaliar o quanto as questões ecológicas são discutidas desde um ponto de vista moral, pautadas comumente numa suposta “suficiência” do planeta, uma espécie de integridade metafísica que estaria sendo degradada pela ação humana.

O Antropoceno enquanto conceito.

O termo é uma formulação de Paul Crutzen, prêmio Nobel de química de 1995, que busca conjugar as estruturas “antropo” (humano) e “ceno” (eras geológicas) como forma de propor que há uma nova época geológica em que os seres humanos se tornaram um fator de alteração da geologia da terra. Momento em que a civilização passou a operar como uma força de alcance planetário e de duração e abrangência geológicas.

O Antropoceno, conforme afirma José Eli da Veiga, ainda não aparece na cronologia presente nos estudos estratigráficos, pois até o momento não foi aceito pela União internacional de Ciências geológicas (IUGS). Não há consenso nos debates científicos a respeito desta proposição. Oficialmente a humanidade vive há 4.200 anos na idade megalayana, a mais recente subdivisão do Holoceno (VEIGA, 2019, p.11).

² O termo antropoceno, em português, em suas variantes nas línguas inglesa e espanhola.

José Augusto Pádua fornece uma perspectiva histórica a respeito da compreensão do Antropoceno. Para este autor, essa nova “idade geológica” faz parte do processo de globalização em um sentido mais amplo. Relacionada com o movimento da modernidade, a globalização estaria atrelada às diversas transformações dos últimos séculos: as industrializações, as migrações, as mudanças culturais e as inovações tecnológicas que tornaram a humanidade muito mais global e interdependente (PÁDUA, 2014).

Segundo Pádua não se trata de olhar as ações humanas de maneira monolítica, no sentido de enquadrar toda e qualquer transformação como ações de destruição e degradação — é preciso atentar-se à centralidade que alguns elementos, como a emissão de gases poluentes, o aquecimento global, e o degelo das calotas polares têm neste processo. Para este autor os combustíveis fósseis ocupam um lugar de destaque no interior das discussões sobre o Antropoceno. A entrada massiva dos combustíveis fósseis nesse mundo global e interdependente tem um papel central para alterar a escala da presença humana no planeta.

É a partir desta entrada que as curvas da presença humana na Terra começam a crescer: a elevação do consumo de energia, o crescimento populacional, o tamanho dos centros urbanos, conjunto que, em síntese, simbolizam a presença e os efeitos da tecnosfera humana. Este quadro que viria a ser nomeado por historiadores como “a grande aceleração” estaria especialmente presente em meados do século XX. É especialmente a partir da década 1950 que as curvas das análises gráficas ficam quase na vertical e é nesse contexto que Paul Crutzen propõe a existência de uma mudança na escala da presença humana no planeta. No lugar de um ser biológico como outro qualquer, o ser humano se aproximava da condição de um agente geológico (PÁDUA, 2014).

Visto por este enquadramento o termo Antropoceno funcionaria como um *conceito-diagnóstico*, que ao definir um escopo de condições problemáticas, colocaria ao mesmo tempo um conjunto de emergências e desdobramentos ético-políticos. Os enfrentamentos trazidos por este diagnóstico colocam em questão a necessidade de refletir coletivamente sobre a nova responsabilidade ética dos seres humanos. Para Pádua as medidas postas em cena a partir deste reconhecimento, se conscientes, podem representar um verdadeiro salto de qualidade na construção de uma nova política, que se revele digna dos desafios éticos que o viver no Antropoceno apresenta para toda a humanidade (PÁDUA, 2015).

Rodrigo Turin (2022) parece recuperar a questão colocada por Pádua, em outra chave, interrogando-se a respeito do papel ocupado pela História enquanto disciplina, campo do saber, no interior dos desdobramentos produzidos pelo Antropoceno. Qual seria o papel de

historiadores e da História neste novo momento? Que tipo de alterações sofre a disciplina ao lidar com este novo paradigma?

Se consideradas as referências clássicas da prática histórica de sincronização dos indivíduos em um tempo singular, o conceito de história — interpelado pelo Antropoceno como uma instância que não possui precedentes —, tão logo, pareceria tornar-se inoperante. Isto ocorreria pelo rompimento com as linhas de continuidade, as lógicas de processo que ligam uma época a outra, próprias às formulações do pensamento histórico (TURIN, 2022).

Para Turin as questões colocadas, pelo conceito de Antropoceno, parecem indicar a necessidade de abertura, no interior da disciplina de História, para pensar outros modos de habitar o tempo e o espaço. Esta abertura incluiria a conjugação com outras correntes de pensamento como a cosmopolítica. Esta linha de pensamento seria fundamental para o reconhecimento e o enfrentamento da coexistência de tempos distintos:

O reconhecimento de uma cosmopolítica da história pode [...] contribuir no engajamento com outros modos de habitar o tempo e o espaço, refigurando a própria disciplina histórica e as humanidades como um todo, como já tem acontecido em disciplinas como a Antropologia (TURIN, 2022, p.19).

Esta reconfiguração da disciplina seria capaz de produzir novas formas de aprendizagem com o passado que se distanciariam da abordagem clássica orientada por uma rede semântica ordenada por um *télos* futurista e sustentada por conceitos como “progresso”, “desenvolvimento”, “nação” e “cidadania” (TURIN, 2022, p.19).

A afirmação de um caráter presentista permitiria que a rede semântica moderna passasse a incorporar uma nova linguagem, permeada por conceitos como “flexibilidade”, “inovação” e “resiliência” — razão pela qual a abertura produzida pelo Antropoceno e seu caráter de *conceito-diagnóstico* parece desestabilizar as formas clássicas do fazer histórico.

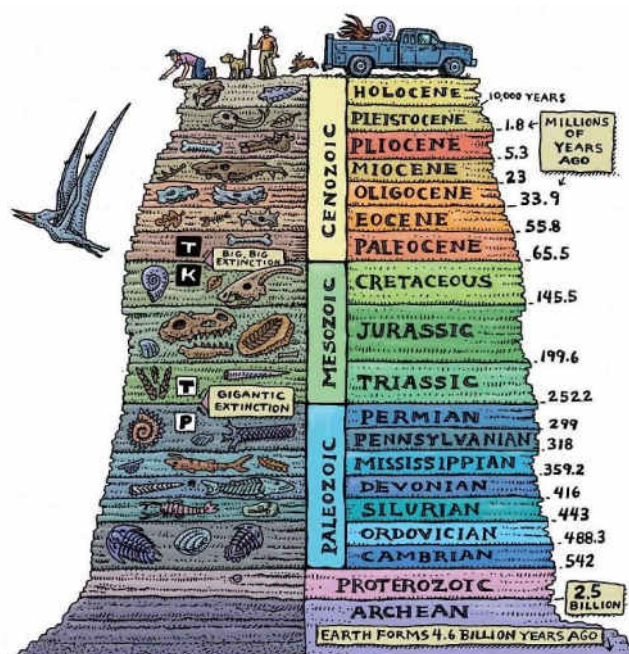
De modo semelhante ao pensado por Turin sobre os desdobramentos produzidos para a História, nos próximos trechos proporemos uma leitura a respeito dos elementos subjetivos, que parecem estar presentes nas recepções do tema Antropoceno, apresentadas por uma seleção de imagens.

O caminho percorrido buscará sondar como o processo de subjetivação, pensado por Freud, estrutura uma série de relações que influenciarão a forma de pensar o planeta e aquilo que ocorre nele. Propõe-se que a aquisição da linguagem, e o processo de ordenação que lhe é correlato, serão fundamentais para que os sujeitos possam compor uma gama de universos imaginários e simbólicos de pertencimento a um mundo ordenado e autorreferente.

Imagens do Antropoceno

O universo de imagens³ que retratam o termo Antropoceno não se restringe à abordagem dos registros estratigráficos referentes a escala geológica, conforme presente na imagem a seguir. Há também uma série de outros registros cujas representações referem-se à recepção subjetiva/afetiva sobre o tema.

Figura 1 – Antropoceno. A Época Humana.



Fonte: Do nano ao macro, 2013

Boa parte deste conteúdo imagético encontrado em pesquisas na web que retorna recepções subjetivas e afetivas parece indicar a presença de um caráter moral associado ao mesmo. Conforme observado por Stuart Hall, sociólogo ligado à teoria da recepção e aos estudos da comunicação humana, "um texto" não é um elemento aceito passivamente pelos receptores. No processo de recepção, os sujeitos interpretam e imprimem outros significados a partir da experiência individual e cultural que experimentam. Assim, o texto literário ou imagético não é criado apenas pelo produtor, mas sim pela relação estabelecida entre o objeto e o receptor, em suas reelaborações e apropriações (HALL, 2016, p.11).

De forma similar ao pensado por Hall, compreende-se que a proposta contida no termo Antropoceno se modifica quando este é posto em circulação no senso comum, ou até mesmo quando olhado de forma inicial — nestes casos o termo parece funcionar como representante ou

³ As imagens utilizadas encontram-se em domínio público.

sinônimo de crise climática e de degradação ambiental. Ou dito de outra forma, o termo parece funcionar como uma espécie de heterônimo para as ideias de catástrofe climática e “tempos apocalípticos”. A partir desta percepção, admite-se que a recepção do termo feita por parte dos sujeitos desloca ou reformula seu sentido de modo a englobar — de forma abrangente e desconectada dos rigores acadêmicos — as relações humano/natureza, seja na ótica da ordem ou da desordem.

A transformação postulada por Hall pode ser verificada nas imagens que compõem esta análise a partir de representações que transcendem a proposta de vincular o termo Antropoceno à “ideia técnica” de uma nova era geológica.

O enquadramento proposto na análise aqui realizada compreende a existência de pelo menos duas posições comumente observadas: aquela em que o termo Antropoceno se aproxima de relações harmônicas, integradas e bucólicas com a natureza/planeta; e aquela na qual estas relações expõem a exploração e degradação humana frente ao binômio natureza/planeta.

Relações de Harmonia e Integração.

Figura 2 – Antropoceno, Gaia e Ecofeminismo



Fonte: Notícia sustentável, 2020

Figura 3 – Antropoceno. Pandemia como face da crise



Fonte: Notícia sustentável, 2020

Figura 4 – A utopia na era do antropoceno



Fonte: Vila de Utopia

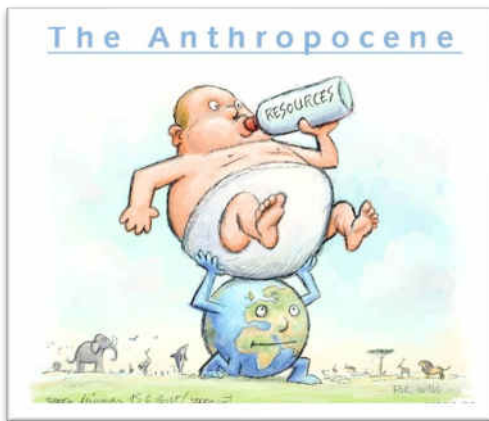
Figura 5 - Antropoceno Humanidade



Fonte: Jornal Grande Bahia, 2020

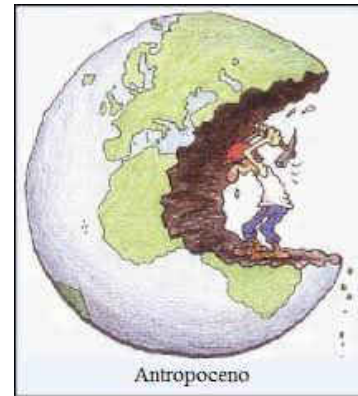
• **Relações de Exploração e Degradação.**

Figura 6 – It’s Anthropocene baby!



Fonte: Sepponet, 2020

Figura 7 - O antropoceno



Fonte: Ecodebate, 2016

Figura 8 – Move to recognise



Fonte: Biodiversity Revolution, 2021

Figura 9 – Geologia Antropoceno



Fonte: Infoescola, 2021

Figura 10 - Dia da sobrecarga



Fonte: Notícia Sustentável, 2020

Figura 11 – Hora do Planeta



Fonte: Tempo, 2021

O Antropoceno como uma questão moral.

Para pensar os conjuntos nomeados como relações de harmonia/integração e relações de exploração/degradação, faz-se uso de contribuições do campo psicanalítico a respeito dos processos de subjetivação e aquisição de linguagem.

No primeiro grupo de imagens observam-se representações em que o planeta está unido a Gaia (deusa da Terra), seguida de outra em que a natureza aparece integrada por um ciclo, um círculo de conexões e integrações capilares ao humano. Há também registros sobre as interconexões entre o cosmos e o humano, entre a dimensão dos astros, do reino animal e a integração destes ao que parecem ser os povos originários de algumas regiões do planeta. Há ainda uma cena que mostra que conservar relações de integração com a natureza, assumir essa responsabilidade seria uma tarefa complexa, um verdadeiro peso sustentado pela humanidade.

No segundo grupo notam-se representações que destacam inicialmente diferentes figuras do “humano”. Estes aparecem ora sob o registro da infantilidade dos bebês ávidos pela satisfação imediata de seus apetites, ora pela ideia de que a destruição do planeta advém da exploração da classe trabalhadora, e ainda a imagem de uma “glutonaria burguesa” que consome o planeta indiferente ao impacto desta prática. O próximo destaque foca em imagens do planeta associadas à destruição por meio da compressão (ritmo e volume dos usos de bens naturais). Na sequência ilustra-se, tal qual a obtenção do sumo de um fruto, a extração dos recursos do planeta, e talvez por tais razões a última imagem deste grupo simbolize a tendência ao fim da atual dinâmica de vida.

Nas representações de harmonia e integração com a natureza, nota-se que o princípio de ordenamento e sustentação do mundo pode ser pensado desde a obra de Freud: *Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Psíquico* (1911) como uma transferência da experiência de acolhimento materno⁴ em direção à realidade externa, em um movimento de deslocamento. A sensação de que existe uma estrutura que atende aos anseios de sua constituição primária (a do bebê), surge nos cuidados da mãe e, é tão logo, gradativamente transportada ao exterior (para além da vivência familiar ou tribal).

O acolhimento materno atuante tanto por meio da dinâmica social, quanto dos meios educativos, é facilmente percebido como próprio e direcionado ao suprimento das necessidades humanas. Dessa forma é possível imaginar o deslocamento das satisfações vividas na primeira infância para um contexto mais amplo (aquele em que o planeta passa a ser tão suficiente quanto

⁴ As menções feitas à figura da mãe ou do acolhimento materno são compreendidas aqui como uma posição ou função que pode ser assumida ou realizada por qualquer sujeito que se ocupe dos cuidados de uma criança, não obrigatoriamente a mãe biológica, ou nem mesmo necessariamente uma mulher.

o acolhimento materno). Isto equivale a dizer que o ocorrido na projeção desta experiência privada para o universal do planeta como um todo seja também um estágio posterior do aprendizado da dinâmica social do “funcionamento do mundo”.

Para o filósofo Peter Sloterdijk o planeta figura como uma extensão do útero materno. Por meio do conceito de “*Esferas*” o autor buscou reconstituir as produções metafísicas de diferentes tradições que representaram morfologicamente os lugares de proteção construídos pela humanidade após o nascimento. É no acolhimento pelos braços da mãe que se inicia a extensão do útero materno, da expulsão do deste até a construção de toda uma civilização após a saída do Éden (PITTA, 2017, pp.149-158). Conforme indica o filósofo:

[...] a passagem através da vagina até o ambiente extramaterno, totalmente diferente, se revela como o verdadeiro mundo exterior, em face da intrauterinidade e da imanência da bolsa amniótica. Contudo, da perspectiva topológica, esse [...] processo de retirada dos invólucros não leva necessariamente à queda do recém-nascido em um modo de ser livre de envoltórios, porque, nas condições normais, a contínua proximidade da mãe, como camada esférica, compensa a perda das primeiras proximidades substanciais. (SLOTERDIJK, 216, p.298)

Tão logo nota-se que esta perspectiva identificada por Sloterdijk é amparada pelas metafísicas das civilizações modernas, sobretudo a metafísica cristã, por propagar a visão do planeta como uma criação feita, “especialmente”, para os seres humanos. Esta compreensão é aquela que coloca tudo que é existente em função da humanidade. O sol existe para aquecer, a multiplicidade da fauna e flora para usos diversos como alimentação, vestuário, caça, pastoreio etc. Toda existência converge para o atendimento das necessidades humanas.

Essa espécie de sustentação ontológica subjetiva — ideia de que o planeta possa ser percebido como tão agregador quanto o acolhimento materno — é tomada neste estudo como raiz ou origem motivadora das recepções que associam o Antropoceno às representações de harmonia e integração com a natureza. Produzir um registro imagético associado ao termo Antropoceno com essas características, especialmente em um contexto em que o mesmo é fortemente vinculado à degradação, leva a imaginar que possivelmente tais imagens direcionadas à ideia de integração cumpram uma função de retomada ou reconstrução de relações harmônicas junto à natureza.

Utilizou-se a ideia de retomada de relações harmônicas junto à natureza, pois conforme sugerido antes, são as reminiscências ou memórias dos afetos primordiais provenientes do acolhimento materno que parecem engendrar as condições para manifestação de uma espécie

de saudosismo do “**acolhimento planetário**”. Tudo se passa como se o deslocamento da afetividade vivida no acolhimento da primeira infância — em uma relação muito próxima da simbiose — fosse capaz de oferecer os recursos para a construção de algo como uma fantasia de reconstrução de uma “mãe natureza” harmônica e interconectada a todos os seres vivos.

Trata-se assim de afirmar que a ideia de natureza ordeira e harmônica é uma formulação imaginária e herdeira, em alguma medida, da extrapolação desejosa, mas não necessariamente consciente, da sustentação promovida pelo acolhimento materno em direção ao planeta, à natureza e afins. Os afetos primordiais da primeira infância, claramente, não são os únicos responsáveis por esta fantasia. Eles figuram muito mais como as condições de abertura para a possível manifestação do saudosismo do “acolhimento planetário” do que como determinantes exclusivos.

A cultura, por meio das elaborações metafísicas, tão vastas e infinitas, tem um papel fundamental para esta questão, pois serão nestas elaborações que o desejo de restituição do planeta ordeiro, suficiente e integrado se inscreverá. Em função da vastidão deste tema não há como demorar-se aqui. Como forma de elucidar e suspender em seguida a questão, cabe uma pequena reflexão acerca do papel da cultura como local de inscrição (OLIVEIRA, 2002, p.123-144) e submissão do desejo: o convívio na cultura e a própria demanda por afeto exigem que o sujeito adeque e reinscreva no social, sob diferentes formas, os contornos formadores das afetações primárias (FREUD, 1923). Ou dito de outra forma, o sujeito precisa encontrar na nova dinâmica social — na qual o acolhimento materno e simbiótico foi esgarçado — os meios de continuidade e extensão de seu pertencimento a um mundo mais ou menos ordeiro e suficiente.

É preciso ainda notar que estes dois diferentes conjuntos considerados (relações de integração e degradação) podem ser pensados como dois estágios ou temporalidades na recepção sobre o tema do Antropoceno. Trata-se de considerar a percepção do mundo como suficiente e apto, como momento original numa escala temporal. Entende-se que a experiência de acolhimento materno por ter forte caráter impregnante — e neste sentido um papel formador para sensibilidade humana —, seja capaz de expandir-se temporalmente no aprendizado do funcionamento do mundo. Contudo, desde o princípio, e ao decorrer do tempo, a experiência de acolhimento materno é transpassada por vivências de desprazer que em boa parte dos casos, no entanto, não são capazes de destituir a vida privada, e por extensão o funcionamento do planeta, de sua suposta ordem inicial ou aparente (BARBOSA; ALBERTI, 2015, pp. 269-285).

Tal perspectiva parece suficiente para que se possa apresentar a correlação entre as relações de exploração e degradação como um segundo momento desta proposição temporal.

Se admitirmos que as primeiras vivências que estruturam as sensibilidades humanas se aproximam fortemente de um processo de ordenação do mundo, será mais fácil perceber quais são os referenciais mobilizados quando se busca pensar a alteração, a exploração e a degradação como sinais e expressões da desordem do planeta.

Novamente retomamos a estrutura dos processos de subjetividade e de aquisição da linguagem para sugerir que as experiências de desprazer da vida adulta parecem ser, em alguma medida, referenciadas pelo momento de suposta plenitude promovida durante a “simbiose mãe-bebê”⁵. Assim, o momento da separação ocorrida em virtude do complexo de Édipo,⁶ evidencia a compreensão de que as experiências de desprazer seriam, em algum grau, quase sempre herdeiras de um horizonte de suficiência.

Tudo se passa como se as experiências de desagrado constituíssem traços mnêmicos, parciais e fragmentários, mas suficientes para constituir a distância entre um ideal de plenitude supostamente vivido e a perda desta condição. Transpondo essa lógica para a questão que nos importa, as experiências de degradação humana sobre a natureza seriam, em alguns casos, referenciadas por um horizonte de suficiência do planeta, antes puro e harmônico. Assim as alterações, a exploração e a degradação como sinais e expressões da desordem do planeta guardariam alguma ligação com esta anterioridade.

Daí então que o saudosismo do “acolhimento planetário” seja uma das respostas possíveis, dentre várias outras, para os modos de lidar com as demandas impostas pelas questões trazidas no bojo do termo Antropoceno. Não se faz excessivo insistir que tal designação, ao fim e ao cabo, pareça sempre colocar em questão o prenúncio de um futuro incerto e quiçá apocalítico para a humanidade.

Diante deste arco, deste intervalo que interpõem vivências de um tempo real frente à virtualidade de uma suposta plenitude, escolhas subjetivas se constituem. São essas estruturas subjetivas, essas sensibilidades, que formariam as visões de mundo responsáveis pelas representações de degradação de um mundo, antes pleno e suficiente.

Se bem compreendido, é possível perceber que tanto as representações do conjunto harmonia/integração como as imagens do grupo exploração/degradação aparentam sob

⁵ Por “simbiose mãe-bebê” diz-se dos primeiros momentos em que o bebê está em posição de ser possivelmente, na maioria das vezes, atendido em seus desejos e necessidades, de modo a perceber-se imiscuído ou indiferenciado daquele que exerce esses cuidados. Pretende-se enfatizar este momento de tendência à predominância de satisfações, o princípio do prazer primário em que o desejo sugere a equivaler ao ato.

⁶ As experiências de desprazer acompanham o sujeito desde os primeiros momentos de vida, no entanto, em um dado momento do complexo de Édipo o sujeito tende a ser “separado” desta “dinâmica simbiótica”.

diferentes formas englobar aquilo que nomeamos como saudosismo do “acolhimento planetário”. Ao contrário do que possa parecer não se tratam de diferentes “tipos de consciência”, de distintas leituras do mundo, mas na verdade, da fixação em dois estágios ou momentos diferentes de uma mesma posição subjetiva. Condição essa que articula ou vincula os afetos primários, formadores das sensibilidades e das formas de experienciar o mundo, às metafísicas que ordenam o mundo pela transcendência.

A percepção sobre o estágio de degradação de qualquer ente parte inevitavelmente daquilo que se sabe ou se supõe saber sobre o estágio anterior, ou a forma original. Eis que as metafísicas fundantes das civilizações modernas aparecem como os grandes suportes das projeções subjetivas de ordenamento do mundo, e que seriam a todo tempo acessadas e reelaboradas no sentido de compor o ambiente de inscrição do desejo de suficiência. Esta dinâmica ocorre tanto pela via primária, aquela que recupera as experiências afetivas da primeira infância e em função disso produz representações de harmonia e integração quanto pela via secundária, que se ocupa da representação da degradação como forma de expressar, pela via inversa, o desejo de restituição e reordenamento, de reintegração ao mundo suficiente.

Duas questões centrais podem ser úteis para pensar essa proposição: quem é o sujeito que pensa a degradação do mundo; e qual é o planeta que se pensa estar sendo degradado. Essas interrogações serão igualmente úteis na consideração das posições morais que advêm do recurso à metafísica, sobretudo a figura da culpa e as confrontações desta com o conceito de responsabilidade.

Se nos ativermos à metafísica cristã será possível responder a primeira questão imaginando que o sujeito que pensa a degradação do mundo o faça talvez próximo da posição subjetiva daquele que está em falta perante a divindade. Destruir o mundo criado por um deus, e neste caso aquele a quem se deve obediência e servidão, é estar em posição de culpa. Conforme nos lembra Freud o sentimento primevo de culpa surge como uma elaboração, a partir da apropriação pela teologia cristã como uma falta para com Deus:

O obscuro sentimento de culpa que pesa sobre a Humanidade desde os tempos primitivos em algumas religiões se condensou na hipótese de uma culpa primigénia, de um pecado original [...] Se o Filho de Deus teve de sacrificar a sua vida para redimir a Humanidade do pecado original, [...] o pecado original foi uma culpa contra Deus Pai, então o crime mais antigo da Humanidade teve de ser um parricídio, a morte do pai primordial da primitiva horda humana, cuja imagem mnésica foi, mais tarde, transfigurada em divindade. (FREUD, 1915, p.23)

Se atentos à observação de Freud será possível inferir que a culpa se aproxima de uma condição anterior ao sujeito. Neste sentido os julgamentos a respeito das ações da humanidade, na qual todo sujeito está inserido, serão referenciados por essa posição de culpa prévia. E dessa forma o autojulgamento sobre as ações humanas no planeta terá como base esta posição primeira ou original, daquele que esteve desde a origem em dívida com a divindade (pelo pecado original). E assim o bojo de questões trazidas pelo Antropoceno figuraria apenas como mais um local de reinscrição da culpa original do sujeito. Se imaginarmos que a culpa sobre as ações antrópicas já existia antes mesmo da formulação do termo Antropoceno, perceberemos que com sua entrada este passa a figurar como momento de reatualização da culpa primeva ou original.

Conjugar as posições apresentadas por Freud sobre a culpa àquelas propostas por Nietzsche para este mesmo tema permite indicar o caráter limitado que a posição culposa demonstra ocupar diante dos enfrentamentos da crise climática. Conforme Nietzsche procurou demonstrar em a *Genealogia da Moral*, a culpa, enquanto reconhecimento de um erro, ou de um dano, seria a condição necessária para fornecer àquele que foi prejudicado uma forma de compensação pela prática de uma crueldade prazerosa (NIETZSCHE, 1887.) Desde Freud que essa posição pode ser complexificada, no sentido de compreender que a culpa não é apenas algo que se abate sobre o sujeito de forma coercitiva. Do ponto de vista das dinâmicas do inconsciente esta é também uma posição que inclui o sujeito no interior de uma ordenação, razão pela qual é possível sustentar que a posição culposa possa ter algum grau de dimensão satisfatória.

Desejar a punição, requerer a lei paterna e o castigo que lhe seja devido, é garantir um lugar de acolhimento ainda que sob a forma de uma sentença moral. É em alguma medida afastar-se da total ausência de sentido e de orientação. Ser culpado é ter diante de si alguém ou algo que ao lhe corrigir lhe assiste e lhe garante segurança. Ao transpor essa lógica para a questão das incertezas sobre o futuro do planeta, sugere-se que ocupar a posição culposa, e inclusive deseja-la, possa fornecer a sustentação imaginária que afaste qualquer percepção da realidade como uma dinâmica também permeada por um conjunto de ocorrências insondáveis e incontroláveis, em um planeta sem garantias ou ordenação.

Esta mesma lógica parece suficiente para responder à questão a respeito de qual é o planeta que se pensa estar sendo degradado. Trata-se da destruição de uma estrutura que foi desde cedo vinculada ao acolhimento materno durante o processo de socialização e de educação infantil. O planeta como uma extensão do útero materno tal qual pensado por Peter Sloterdijk

(SLOTERDIJK, 2016) é potencializado e hiper elaborado por infinitas metafísicas e tradições. Aqui destacamos a metafísica cristã pela prevalência e disseminação que há na realidade brasileira e mundial.

Se pensarmos como a filósofa Márcia Tiburi, para quem a palavra responsabilidade significa as consequências de um ato livre, será possível delinear as diferenças entre culpa e responsabilização (TIBURI, 2018). Distinta da culpa, em uma postura de responsabilização, o que está em questão não são os pressupostos morais mobilizados pela tradição metafísica. Na responsabilização parece haver um deslocamento que se distancia de uma visão ideal e precedente. Em alguma medida a responsabilização se aproxima mais do objeto a que se destina cuidar do que da posição de culpa imaginária, consciente ou não, que os sujeitos mantêm sobre si mesmos.

Ao adentrar o horizonte de responsabilização tal qual pensado por Tiburi, recursos como a afirmação de **desamparo** de Vladimir Safatle (2016, p.37) e a percepção da **vulnerabilidade** de Judith Butler (2015, p.14) tornam-se relevantes para indicar o necessário rompimento com a posição culposa manifestada pelo sujeito do saudosismo do acolhimento planetário. Tanto a formulação de Safatle quanto a de Butler parecem voltar-se para os enfrentamentos imanentes à condição humana. Em um movimento que despotencializa o desejo imperativo, irrefletido e atávico, por alguma ordem transcendente que garanta a ausência de risco — movimento que abala a ideia de um mundo seguro que seja desde sempre já constituído por um sentido prévio e suficiente.

Considerações Finais.

Conforme buscou-se demonstrar a percepção de que o planeta a que hoje se assiste à degradação já foi um local dotado de suficiência mantém vínculos com os processos de subjetivação e de aquisição da linguagem em interlocução com as hiperelaborações presentes nas culturas, nas metafísicas e nas tradições. O que chamamos de “saudosismo do acolhimento planetário” expressa uma das reações possíveis, quando os sujeitos são confrontados com expectativas de um futuro incerto e temeroso.

Conforme verificado pelas imagens selecionadas foi possível indicar que o termo Antropoceno figura como um dos temas ou elementos que mobilizam reações produtoras de saudosismos imaginários. A fantasia que se buscou detalhar foi aquela em que o planeta, na

ausência da ação humana, estaria próximo de constituir-se como um ente ordeiro, harmônico, plácido, bucólico, integrado e afins. Estes signos da suficiência estariam sendo perdidos em função da ação antrópica.

Do mesmo modo, notou-se que a forma de lidar com as demandas causadas pelas ações humanas no planeta são, em alguma medida, tributárias das posições subjetivas assumidas pelos indivíduos diante da percepção da realidade, de seus modos de ler e interpretar a existência. A seleção de imagens proposta forneceu alguma dimensão do papel ocupado pelas metafísicas nas formas utilizadas pelos sujeitos para implicarem-se no processo de destruição.

Por meio das reações culposas conjectura-se que o real comprometimento com as condições do planeta seja baixo ou nulo, já que neste caso trata-se de pensar a reatualização do desejo do sujeito pela punição, e sobretudo a ânsia pelo surgimento de uma figura forte e ordeira que possa no lugar dele restituir a suposta harmonia e ordem original ao planeta. Uma figura que tal como um deus todo-poderoso, ou um representante que demonstre suas qualidades, possa trazer a ordem de volta, já que este sujeito ocupa apenas a posição de criatura que deseja fortemente este retorno.

Daí então que aos teóricos do Antropoceno caberia um cuidado especial frente aos riscos de suas propostas estarem permeadas por moralismos, ou suas discussões serem produtoras de recepções mais voltadas aos juízos morais que aos diagnósticos válidos e propositivos. Em ambos os casos ou riscos, as discussões propostas por essa classificação estratigráfica funcionariam como veículo de recepções produtoras de desejos de restauração. Por ter surgido na geologia, caberia ao universo teórico do Antropoceno reivindicar um niilismo originário em suas discussões, algo semelhante a um “um niilismo das rochas”. Isto para evitar tornar-se um novo locus de mistificação e messianismos apocalípticos, ou nutrir afetos desejosos pela lei repressora e ordenadora, o que em termos freudianos equivaleria ao desejo pela lei paterna, movimento ambivalente que congregaria a vontade de assassinar o pai da horda primitiva e o apego a esta mesma autoridade simbólica (FREUD, 1913-1914) — o Antropoceno como sintoma de um desejo pela lei, pela restauração.

Por niilismo originário busca-se propor um horizonte teórico preocupado e atento à necessidade de efetuar um “esvaziamento” das metafísicas fundantes, de modo a instaurar um olhar responsável e consciente que pudesse criar ou recuperar a percepção de que à humanidade nada foi prometido, o sol não existe para aquecê-la tampouco algum futuro será garantido por qualquer transcendência metafísica. Este esvaziamento permitiria às formulações teóricas sobre o Antropoceno visualizar um dos dados mais evidentes da existência no planeta terra: a vida

humana é um evento aleatório para o qual não há qualquer instância ou razão prévia, ordenadora e suficiente.

O ato de partir da constatação da formulação de Nietzsche de que a existência de vida no planeta terra é um acidente da matéria parece conter um mínimo de coragem e lucidez necessários aos enfrentamentos climáticos futuros. Destituir-se da posição de pertencimento a alguma fantasia metafísica é também uma afirmação de força. Tal qual pensado por alguns filósofos, há uma expressão de força e de coragem na recusa das metafísicas transcendentais, ordenadoras e totalizantes. A defesa da percepção e da afirmação do desamparo como condição para luta política em Vladimir Safatle — ou até mesmo a consciência da vulnerabilidade como condição intrínseca ao humano em Judith Butler — fornecem dimensões desta força e coragem que surgem a partir da destituição do desejo pela segurança de algo que nos foi na origem, ou desde sempre garantido.

Se as teorias do Antropoceno puderem se revestir desta perspectiva, ocupar essa posição, ou vestir essa roupagem, talvez elas possam fornecer proposições na quais pensar e habitar o planeta signifique englobar o acaso e a aleatoriedade próprios à dinâmica da vida existente nele. Para que neste conceito as utopias e virtualidades, os novos sentidos e as novas formas de habitar o mundo estejam mais próximas do que Friedrich Nietzsche nomeou como Amor Fati, o amor e o interesse pelo acontecimento, seja ele qual for.

DOCUMENTAÇÃO.

Antropoceno: a nossa época. Do nano ao Macro, 2013. Disponível em:
<<http://www.nano-macro.com/2013/02/Antropoceno-nossa-epoca.html>>. Acesso: 01/09/2021.

It's the Anthropocene Baby! Sepponet, 2020. Disponível em:
<<http://www.seppo.net/cartoons/displayimage.php?pos=-1550>>. Acesso: 01/09/2021.

NAIME, R. Antropoceno. EcoDebate, 2016. Disponível em:
<<https://www.ecodebate.com.br/2016/06/28/Antropoceno-parte-13-artigo-de-roberto-naime/>>. Acesso: 01/09/2021.

DEXTRO, R. B. Antropoceno. Infoescola. Disponível em:
<<https://www.infoescola.com/geologia/Antropoceno/>>. Acesso: 01/09/2021.

LOWE, A. Recognise human epoch the anthropocene. Biodiversity Revolution. Disponível em:
<<https://biodiversityrevolution.wordpress.com/2015/03/14/move-to-recognise-human-epoch-the-anthropocene/>>. Acesso: 01/09/2021.

Hora do Planeta. Tempo. Disponível em:
<<https://www.tempo.com/noticias/actualidade/hora-do-planeta-e-as-outras-8-759-horas-do-ano-clima-mudanca-climatica.html>>. Acesso: 01/09/2021.

O que o Dia da Sobrecarga na Terra nos diz. *Notícia Sustentável*, 2020. Disponível em: <<https://www.noticiasustentavel.com.br/dia-da-sobrecarga-o-que-e/>>. Acesso: 01/09/2021.

Antropoceno, Gaia e Ecofeminismo. *Oficina Raquel*, 2020. Disponível em: <<https://www.oficinaRaquel.com.br/2020/07/02/Antropoceno-gaia-e-ecofeminismo/>>. Acesso: 01/09/2021.

KETTLE, W. Antropoceno: a pandemia como face da crise ecológica. *História e Natureza*, 2020. Disponível em: <<http://www.historiaenatureza.com/2020/06/Antropoceno-pandemia-como-face-da-crise.html>>. Acesso: 01/09/2021.

A Utopia na era do Antropoceno. *Vila de Utopia*, 2020. Disponível em: <<https://viladeutopia.com.br/a-utopia-na-era-do-Antropoceno/>>. Acesso: 01/09/2021.

Antropoceno, humanidade inicia nova era na história da Terra; O que aconteceria com o planeta se os humanos desaparecessem. *Jornal Grande Bahia*, 2020. Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2020/08/Antropoceno-humanidade-inicia-nova-era-na-historia-da-terra-o-que-aconteceria-com-o-planeta-se-os-humanos-desaparecessem/>>. Acesso: 01/09/2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, L.; ALBERTI, S. A questão da procriação feminina na estrutura psicótica. *Revista Trivium - Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. VII, p. 269-285, 2015.

BUTLER, J. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FREUD, S. *Escritos Sobre a Guerra e a Morte - 1915*. Covilhã: Lusofia Press, 2009.

FREUD, S. O Eu e o Super-Eu (Ideal do Eu) (1923). In: _____. *Obras Completas Volume 16 (1923-1925)*. 1ª. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Psíquico (1911). In: _____. *Obras Completas Volume 10 (1911-1913)*. 1ª. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. Totem e tabu. In: _____. *Obras completas, volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Cia das Letras.

HALL, S. *Cultura e Representação*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HILST, H. *Cascos & Carícias & Outras Crônicas*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral - 1887*. 1ª. ed. São Paulo: Martin Claret, 2018.

NIETZSCHE, F. *Sobre verdad y mentira en sentido extramoral*. Madrid: Tecnos Editorial, 2010.

OLIVEIRA, D. C. O texto freudiano como analisador da cultura: uma resposta aos discursos totalizantes da ciência e da religião. *Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza*, v. II, n. 2, p. 123-144, Set-2002.

PÁDUA, José Augusto. A Dimensão Ambiental do Conhecimento Histórico. Revista de História Regional, Paraná, p. 457-484, 2014. Disponível em:

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>>.

PÁDUA, José Augusto. “Vivendo no Antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades”. In OLIVEIRA, Luiz Alberto. (Org.). Museu do Amanhã. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

PITTA, M. F. Resenha: Esferas I: bolhas, de Peter Sloterdijk. Revista Natureza Humana, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 149-158, jan/jul 2017.

SAFATLE, V. O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SLOTERDIJK, P. Esferas 1: Bolhas. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

TIBURI, M. Existência como Doença — Café Filosófico CPFL. youtube, 2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=wgZfNihaFL4>>. Acesso em: 25 Setembro 2021.

TURIN, R. A "catástrofe cósmica" do presente: alguns desafios do Antropoceno para a consciência histórica contemporânea. Academia.edu, 2022. Disponível em: <https://www.academia.edu/70916530/A_cat%C3%A1strofe_c%C3%B3smica_do_presente_ alguns_desafios_do_Antropoceno_para_a_consci%C3%A2ncia_hist%C3%B3rica_contempor%C3%A2nea>. Acesso em: 01 fev. 2022.

VEIGA, J. E. O Antropoceno e a Ciência do Sistema Terra. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.